



MOVIMENTO CATRUMANO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DA ÁREA MINEIRA DA SUDENE
PREFEITURA MUNICIPAL DE MONTES CLAROS



**O NORTE DE MINAS COMO BERÇO
DE MINAS GERAIS**

COORDENAÇÃO E EQUIPE TÉCNICA

1. Coordenação Geral

- A. Professor Paulo César Gonçalves de Almeida – Reitor da Unimontes
- B. Prefeito Valmir Morais de Sá – Presidente da AMAMS
- C. Prefeito Athos Avelino Pereira - Prefeitura de Montes Claros

2. Coordenação Executiva

- A. Beatriz de Morais Sá - Séc. Executiva AMAMS
- B. Geraldo Reis – Pró-Reitor da Unimontes
- C. João Batista de Almeida Costa – Professor da Unimontes (PPGDS)
- D. João Carlos Rodrigues – Secretário Municipal de Cultura
- E. Paulo César Gonçalves de Almeida Jr – Secretaria de Meio Ambiente
- F. Paulo de F. Ribeiro – Secretário Municipal de Meio Ambiente

3. Coordenação Cultural

- A. João Aroldo Pereira – Secretaria de Cultura
- B. Walkíria Guimarães Braga – Secretaria de Cultura
- C. Raquel de Paula – Professora da Unimontes (Uniarte)
- D. Solange Sarmiento – Professora da Unimontes – (Uniarte)

4. Coordenação Técnico-Científica

- A. Herbert Toledo Martins – Professor da Unimontes (PPGDS)

5. Coordenação de Comunicação

- A. Cácio Xavier – Prefeitura de Montes Claros
- B. Paulo César Gonçalves de Almeida Jr. – Secretaria de Meio Ambiente

6. Coordenação de Articulação Política

- A. Beatriz de Moraes Sá – Séc. Executiva da AMAMS
- B. Paulo de F. Ribeiro – Secretário Municipal de Meio Ambiente

7. Coordenação de Planejamento

- A. Herbert Canela Salgado – Unimontes (PPGDS)
- B. Simone Narciso Lessa – Professora da Unimontes (PPGDS)
- C. Walisson Klayton F. de Oliveira – Professor da Unimontes

8. Coordenação Jurídica

- A. Dr. Bruno Terra Dias – Diretor do Fórum Gonçalves Chaves

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
OBJETIVOS	14
JUSTIFICATIVA	15
OPERACIONALIZAÇÃO	23
MEDALHA <i>MATHIAS CARDOSO DE ALMEIDA</i> E <i>MARIA DA CRUZ</i>	
COMENDA <i>CIVISMO E CONSCIÊNCIA DOS GERAIS</i>	25
INTRODUÇÃO	26
OBJETIVOS	28
OPERACIONALIZAÇÃO	29
CONSELHO PERMANENTE	29
HOMENAGEADOS	29
SOLENIIDADE DE ENTREGA	30
FESTA CATRUMANA EM BELO HORIZONTE	31
INTRODUÇÃO	32
OBJETIVOS	33
OPERACIONALIZAÇÃO	34
DO ESPAÇO	34
DAS REPRESENTATIVIDADES CULTURAIS	34
DA SELEÇÃO DOS ASPECTOS CULTURAIS	34
DA ESTRUTURA DO EVENTO	35
DA EQUIPE DE OPERACIONALIZAÇÃO	35

SEMINÁRIOS MINAS GERAIS	36
INTRODUÇÃO	37
OBJETIVOS	38
JUSTIFICATIVA	39
OPERACIONALIZAÇÃO	41
AGENDA DE AÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL	42
INTRODUÇÃO	43
OBJETIVOS	44
OPERACIONALIZAÇÃO	45
DIAGNÓSTICO PARTICIPATIVO	46
SEMINÁRIO	47
PUBLICAÇÃO DA AGENDA MESONORTE	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49

INTRODUÇÃO

O Projeto *Movimento Catrumano*, coordenado pela Universidade Estadual de Montes Claros por meio do Magnífico Reitor Professor Paulo César Gonçalves de Almeida, pela Associação dos Municípios da Área Mineira da Sudene por meio do Prefeito Valmir Moraes de Sá e pela Prefeitura Municipal de Montes Claros por meio do Prefeito Athos Avelino Pereira constituiu-se em estratégia para construção de poder simbólico da Região Norte Mineira junto a Sociedade Mineira como um todo. Entretanto, este é um projeto que não deverá ser realizado por uma única instituição ou entidade, ele deverá ser fruto da articulação, a mais ampla possível, de todos os segmentos regionais, em todos os campos de sua vida social, política, cultural e econômica.

A necessidade dessa articulação ampla está fundamentada nas vitórias recentes que a região conquistou quando se apresentou unida em prol de interesses regionais, como a instituição da Unimontes na Constituição Estadual de 1989, a pavimentação da BR-135 no Governo Costa e Silva, a criação do Projeto Montes Claros de Saúde, dentre outras realizações ocorridas ao longo da história regional.

Com a consolidação da Universidade Estadual de Montes Claros como centro de excelência na produção de conhecimentos da realidade regional nas mais diversas áreas científicas, diferentes discursos e afirmações sobre a região têm sido erodidos quando se compreende o papel crucial desempenhado pela Sociedade Norte Mineira para a constituição e consolidação da Sociedade Mineira. Nesse sentido, o desvelamento da ação de importantes personagens da História regional por meio de estudos históricos, econômicos, políticos, sociológicos e antropológicos têm evidenciado que o discurso da pobreza vigente constitui-se uma estratégia pífia porque baseada no desconhecimento de fatos do passado Norte Mineiro e da importância, dos mesmos, para a afirmação de Minas Gerais como o “berço da brasilidade” e como o “coração do Brasil”.

Uma pergunta pode ajudar a esclarecer a fundamentação da ação regional que se pretende. Porque Minas Gerais não é apenas ouro, montanhas, cidades auríferas? Ou de outra forma, porque vincular a exploração aurífera na região das minas gerais com a criação de gado nas chapadas sanfranciscana? Há duas possibilidades de resposta, uma social, política e econômica e a outra ecológica.

Do ponto de vista político, a vinculação da região pastoril, os chamados *Currais da Bahia*, à região aurífera no momento do nascimento de uma nova unidade administrativa ocorreu em 1720. Nesse momento foi criada a Capitania de Minas Gerais, desvinculando a

área de mineração da Capitania de São Paulo e Minas do Ouro por decisão da Coroa Portuguesa. Ao vincular a área pastoril com a mineradora na nova unidade administrativa da Colônia Brasil o Conselho Ultramarinho pretendeu colocar sob o comando de uma única governança a dependência de alimentos da zona aurífera com a produção de gêneros alimentícios dos *Currais do São Francisco*. Fundamenta-se neste fato a ação fundadora e consolidadora do Norte de Minas na constituição da Sociedade Mineira e não há como negá-lo. Apenas a ideologia da mineiridade que construiu o imaginário mineiro pretendia desvincular as duas regiões fundadoras e consolidadoras da realidade mineira e o conseguiu ao afirmar a multiplicidade de Minas e depois afirmar sua unidade. Contudo, Minas Gerais é uma realidade social dual.

Aspectos sociais, culturais e econômicos serão considerados na argumentação que será desenvolvida para justificar o projeto. Mas, em síntese, como dizem os construtores da ideologia da mineiridade, em Minas Gerais há os mineiros e os geraizeiros, há políticos preocupados com o bem querer coletivo e equilibrados, mas há os coronéis, valentes, do norte e, finalmente, há uma economia devotada à mineração, seja de ouro ou de minérios de ferro, alumínio e outras, e há uma economia alicerça na agro-pecuária.

Ecologicamente o território mineiro é dividido em dois grandes ecossistemas, um a Mata Atlântica sobre as montanhas que se finaliza na serra do Espinhaço e outro, o do Cerrado que se estende, sobre as chapadas. A localização de Belo Horizonte demonstra em uma única visada esta configuração ecológica. De um lado a serra do Curral com vegetação de floresta tropical e dando as costas a ela, a vegetação de cerrado que recobre as chapadas que a partir daí começam a dominar o relevo. A cidade deve seu nome ao horizonte sobre as chapadas e não sobre as montanhas.

No processo de construção da ideologia da mineiridade nas primeiras décadas do século XX, a região *dos Gerais* foi obliterada para se enfatizar o papel da região das Minas, como pode ser depreendido a partir da afirmação de um dos construtores dessa ideologia. Em seu ensaio de caracterização da mineiridade, Sylvio de Vasconcellos afirma procurar chamar

a atenção para a possível especificidade de uma região brasileira, contida nos precisos limites da ocupação humana condicionada pelo ouro, não ampliada às fronteiras do território que se chamou Minas Gerais. *Isto porque, ao que parece, as Minas diversificam-se das Gerais* (1968: 7, grifos meus)¹.

¹ VASCONCELLOS, Sylvio. *Mineiridade. Ensaio de Caracterização*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1968.

Como se vê, um dos construtores do discurso da mineiridade não nega a existência de duas realidades sociais distintas, chegando mesmo a dizer que

é indispensável distinguir as Minas, *das Gerais*; os mineiros dos *geralistas*. São duas mentalidades absolutamente diversas, duas épocas, duas formações históricas diferentes, duas áreas geográficas. Agora, sim, aparece o contraste: a montanha e o campo” (1968: 193, grifos meus).

Apesar de querer exprimir o contraste entre *as minas* e *os gerais*, o autor replica a segunda parte do nome do estado sobre a primeira. Quando o mineiro diz *as/das/nas gerais*, ele faz referência às minas que se distribuíam em amplo espaço nos vales da serra do Espinhaço e passaram a ser conhecidas desde o início da exploração aurífera como as *minas gerais* (Veiga: 1897)². Entretanto, os campos que se estendem por ampla parte do território brasileiro e vistos como partes da geografia do sertão, nunca foram conhecidos regionalmente como *as gerais*, mas *os gerais*, como nos informa Guimarães Rosa em correspondência a seu tradutor italiano, “você sabe, desde grande parte de Minas Gerais, aparecem *os ‘campos gerais’*, ou *os ‘gerais’* – paisagem geográfica que se estende, pelo Oeste da Bahia, e Goiás, até o Piauí e ao Maranhão (1993: 7, grifos meus)³.

Outra perspectiva que revela essa questão refere-se à denominação identitária do mineiro. Nos primórdios da documentação colonial, os moradores da Capitania de São Paulo e Minas do Ouro e depois Capitania de Minas Gerais eram nomeados como sendo os *geralistas* (Veiga, 1897: 243) e só mais tarde chamados de *mineiros*. Os moradores *dos gerais*, por outro lado, são conhecidos regionalmente como os *geraizeiros* e não os *geralistas* (Donald Pierson, 1972)⁴. Denominações diferenciadas para povos diferenciados. Como podemos ver, o sociólogo da mineiridade, em seu ensaio quer afirmar a duplicidade de realidades sociais, formações históricas e áreas geográficas distintas existentes em Minas Gerais, mas encontra impedimentos no campo semântico em que se encontra mergulhado e replica significados iguais para significantes distintos. Coisa muito comum entre os mineiros, cujo conhecimento de Minas se faz a partir das leituras disponibilizadas desde os primeiros bancos escolares e não da vivência direta das realidades díspares. Falar as Minas ou as Gerais, dessa forma, é falar de uma mesma realidade social que se contrasta com *os Gerais*.

O termo Minas Gerais, assim, se não replica significados sobre o mesmo significante, constitui-se uma denominação que traz em seu campo semântico a antinomia entre a

² VEIGA, José Pedro Xavier da. *Ephemerides Mineiras (1664-1897)*. Ouro Preto: Imprensa Oficial, 1897. 3 Volumes.

³ LORENZ, Günter. “Diálogo com Guimarães Rosa”. In COUTINHO, Eduardo F. (Org.) *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1983, pp. 62-97.

⁴ PIERSON, Donald. *O Homem no Vale do São Francisco*. Rio de Janeiro: Minter/SUVALE, 1972, 3 volumes.

sociedade que se dedicou à exploração aurífera – mineira – e a sociedade dedicada à criação de gado e que se realizou nos campos gerais – a sertaneja, e, nela, a Norte Mineira. Tanto a paisagem quanto as denominações das Minas e dos Gerais informam que a imagem uma de Minas é resultante de uma invenção social, que alguns querem apenas mitológica (Arruda: 1999)⁵, mas que se constitui também em uma ideologia política que possibilitou a hegemonia da identidade vinculada às Minas sobre a dos Gerais, como uma ideologia abrangente, tal qual a fábula das três raças como discutida por Da Matta (1981)⁶. Como um sistema totalizado de idéias que interpenetra grande parte dos domínios da cultura, essa ideologia fornece as bases para o projeto político e social da elite mineira (Dulci, 1984)⁷, conciliando impulsos contraditórios dessa sociedade estadual, sem criar um plano para sua transformação profunda, tendo em vista compreendê-la como superior no concerto das sociedades estaduais brasileiras formadoras da nação, exatamente por sua condição de replicar em si a geografia e sociologia pátria: duas realidades distintas, o litoral e o sertão, no caso brasileiro e as minas e os gerais no caso mineiro.

O reconhecimento da obliteração do papel crucial do Norte de Minas na fundação e na consolidação da Sociedade Mineira tem sido possível por meio de pesquisas e estudos que professores e estudantes da Universidade Estadual de Montes Claros têm desenvolvido, desde que a mesma posicionou-se como a única instituição de pesquisas capaz de produzir conhecimentos sobre a realidade regional que interesse à Sociedade Norte Mineira.

Várias questões podem estar povoando a mente pragmática dos membros da elite regional. Dentre elas, qual a importância da mudança de discurso sobre a região? Que consequências práticas para cada município ao deixar de se afirmar a pobreza Norte Mineira e passar a reivindicar o lugar da fundação e da consolidação da Sociedade Mineira? O que a população regional tem a ganhar com isto? Porque mobilizar tantos esforços para se conquistar algo que é ideológico e simbólico que não trazem benefícios práticos para ninguém?

As respostas às questões dos benefícios práticos vinculados à discursos ideológicos e simbólicos tanto pode ser compreendido na própria realidade Mineira quanto entre renomados sociólogos internacionais que se dedicaram a compreender a dimensão ideológica e simbólica construídas por diversas sociedades.

⁵ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *Mitologia da Mineiridade. O Imaginário Mineiro na Vida Política e Social do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

⁶DA MATTA, Roberto. *Relativizando: Uma Introdução à Antropologia Social*. Petrópolis: Vozes, 1981.

⁷DULCI, Otávio Soares. “As Elites Mineiras e a Conciliação: a Mineiridade como Ideologia”. *Ciências Sociais Hoje*. São Paulo: Cortez, 1984.

Na realidade mineira, os ganhos materiais vinculados a discursos ideológicos e simbólicos tanto podem ser compreendidos quando se olha o lugar simbólico ocupado por Minas Gerais no conjunto das sociedades estaduais brasileiras, quanto o espaço ocupado pela região *das minas gerais*⁸ no conjunto das sociedades municipais mineiras.

Ao vincular o lugar geográfico do território mineiro à forma como os políticos mineiros passaram, a partir de um dado momento da história nacional, a desenvolver articulações políticas, propiciou, no processo de consolidação da Sociedade Republicana brasileira, a construção de um discurso de Minas Gerais como o “coração do Brasil”⁹ para se contrapor ao discurso paulista do papel primacial de sua sociedade como aquela que contribuiu para consolidar, por suas bandeiras, a realidade nacional¹⁰.

Após a Semana de Arte Moderna em 1922 em São Paulo, quando poetas modernistas em busca dos aspectos propriamente brasileiros para afirmar a identidade nacional em oposição às primazias européias sobre a realidade nacional encontraram em Ouro Preto o que consideraram o “berço da brasilidade”¹¹. Nesse período em Minas Gerais, a partir de convocação do Governador Antônio Carlos e coordenado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico estadual, inicia-se o processo de construção da ideologia da mineiridade e da História de Minas, tendo-se realizado o *esquecimento* dos fatos históricos Norte Mineiros na História estadual.

Na Sociologia, podemos encontrar em diversos autores que se dedicaram a discutir ideologia e poder simbólico e as conseqüências da construção de tais discursos a fundamentação para podermos responder às questões que podem invadir a cabeça da elite regional. Mas recorreremos, apenas, a três autores. Em Louis Dumont (1992)¹² ideologia é compreendida como um sistema de idéias e valores por meio dos quais uma sociedade ou um grupo social afirma a si mesmos em oposição a outros, com seus sistemas de idéias e valores. E, neste sentido, a construção da ideologia da mineiridade foi o momento da constituição de

⁸ Quando se escreve minas gerais com minúsculas está se falando da região mineradora e não do Estado de Minas Gerais, escrito com maiúsculas.

⁹ Neste sentido, vide SENNA, Nelson de. *A Terra Mineira. Chorografia do Estado de Minas Gerais*. 2 Ed. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926. 2 Volumes.

¹⁰ Neste sentido, vide de WIRTH, John. *O fiel da balança*. São Paulo: Paz e Terra, 1982.

¹¹ Para maior aprofundamento desta questão, vide ANDRADE, Mário. “Aleijadinho”. In *Aspectos das Artes Plásticas no Brasil*. 3 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984; BANDEIRA, Manuel. *Guia de Ouro Preto*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1938. Publicações do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2. Ilustrações de Luís Jardim e BASTIDE, Roger. *Brasil: Terra de Contrastes*. 3 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1969. Corpo e Alma do Brasil.

¹² DUMONT, Louis. *O Individualismo. Uma Perspectiva Antropológica da Ideologia Moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

um sistema de idéias e valores propriamente mineiros para se contrapor ao sistema de idéias e valores construído pelos paulistas.

Quanto à questão da simbologia e do poder que dela se deriva. O que é simbologia? O símbolo é a gênese dos sistemas de escrita, sílabas e pronúncias que deram origem às línguas. O signo é o caráter e elemento essencial e o símbolo é a representação, o reflexo do mesmo com ou sem analogia com outros conceitos ou fatos. De outra forma, a idéia pode ser um signo em si mesmo, ou seja, puro, mas deve ser expresso em figuras, objetos, sons, palavras. Ou seja, o símbolo está conformado por um ou vários signos que são a essência oculta (interna) e o símbolo é o reflexo (externo). Deriva-se daí que as observações e as interpretações são livres na medida em que se sintonize com a essência oculta e velada representada pelo símbolo. Por isso, falar em Minas Gerais é falar de montanhas, cidades históricas vinculadas ao ouro e nada de falar de gado, de chapadas, etc.

Como algo que por decisões sociais pode mudar as significações vinculadas àquilo a que se prende, como afirma Derrida (1970)¹³? Para dar resposta a esta questão é necessário buscar compreender aquilo que tem sido chamado na teoria social como o processo de dominação simbólica de um grupo ou de uma classe ou, ainda, de uma sociedade sobre outros grupos, classes ou sociedade. Recorremos a Elias e Scotson (2000)¹⁴ que se dedicaram a compreender o processo de construção de discurso ideológico por meio do qual um grupo de trabalhadores que chegou a um antigo bairro de trabalhadores em uma pequena cidade inglesa dominou simbolicamente a realidade social e passou a usufruir benefícios materiais em detrimento dos moradores mais antigos. A abordagem desses dois autores é de utilidade porque focalizam o poder de atribuir superioridade a si próprio, ao mesmo tempo em que exclui um outro grupo, considerando-o inferior e seus membros sendo categorizados com atributos negativos.

A busca de entendimento desse poder vincula-se às características estruturais que os grupos relacionados têm em comum e que são determinantes do poder de imputar a si e aos outros uma hierarquização das diferenças. Essas características dizem respeito ao acesso a recursos de poder e ao arsenal de superioridade que cria alto grau de coesão interna do grupo, identificação coletiva e normas comuns indutoras de conformidade. Os diferenciais do grau de coesão interna e de controle comunitário desempenham papel decisivo na relação de forças

¹³ DERRIDA, Jacques. "Structure, Sign and Play in the Discourse of Human Sciences". In *The Structuralist Controversy: The Languages of Criticism and the Sciences of Man*. Baltimore e London: The John Hopkins University Press, 1970.

¹⁴ ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Sociologia das Relações de Poder a partir de uma Pequena Comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

entre os dois grupos porque é na coesão interna que se baseia a conformação do ideal de nós e o carisma coletivo.

A estreita ligação entre os diferenciais de poder dos grupos vincula-se, para os autores, na criação de um sentimento de *status* superior para cada dos membros, de inclusão na coletividade vinculando-os às tradições consideradas propriamente coletivas. A preservação do que julgam ter alto valor, requer que cada grupo cerre fileiras protegendo a identidade grupal e afirmando sua superioridade. Essa é uma situação que “mostra com muita clareza a complementaridade do valor humano superior – o carisma do grupo – atribuído a si mesmo pelo grupo (...) e as características ‘ruins’ – a desonra grupal – que atribui aos *outsiders*” (2000: 25). Essa complementaridade entre carisma grupal (do próprio grupo) e a desonra grupal (dos outros) é considerada um dos aspectos mais significativos de relações configuracionais hierarquizadas, propiciando apreender as relações de poder que vinculam os dois grupos, por se apoiarem em acesso diferencial a recursos de poder. Tanto o carisma grupal quanto a desonra grupal são confirmadas pelas imagens que se tem dos grupos relacionados, enquanto a primeira informa superioridade, a segunda propicia inferiorização e exclusão dos benefícios vinculados às características construídas como próprias de si mesmos. Em Minas Gerais, o valor dos mineiros e o caráter depreciativo sobre os norte mineiros, chamados de baianeiros ou capiais.

Por outro lado, o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1998)¹⁵ ao discutir o poder simbólico informa que o mesmo é derivado de um conflito interno ao campo das classificações. Sendo que, por um lado é “um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem *gnosiológica*: o sentido imediato do mundo” (op.cit.: 9, grifos no original) e, em particular, do mundo social que pressupõe um conformismo lógico, ou seja, “uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as intelegências” (id., *ibid.*). Como recurso de poder, as ideologias e a simbologia como um de seus instrumentos, é um produto coletivo e “coletivamente apropriado, servindo a interesses particulares que tendem a se apresentar como interesses universais, comuns ao conjunto do grupo” (id. 10). E, finalmente para dar conclusão à minha argumentação, recorro à argumentação de Bourdieu (1998) quando afirma que “as propriedades simbólicas podem ser utilizadas estrategicamente em função dos interesses materiais e também simbólicos do seu portador” (op. Cit.: 112), pois o mesmo ocorre em um campo de produção simbólica que se constitui como um microcosmos da luta simbólica entre

¹⁵ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

as partes de um campo social. Em Minas Gerais, o volume de recurso investidos nas regiões centrais e o pires na mão do Norte de Minas.

Creio já ter deixado suficientemente fundamentado os ganhos que a elite regional e a população Norte Mineira têm a ganhar tanto do ponto de vista simbólico quanto material em procurar resgatar no campo de produção simbólica mineira o lugar crucial da sociedade pastoril regional na fundação e consolidação da Sociedade Mineira.

Minas Gerais não é só ouro. É, também, gado e este se disseminou pelo território estadual a partir dos *Currais do São Francisco*, ou seja, o Norte de Minas e o seu ponto primacial foi a atual cidade de Matias Cardoso, ainda não reconhecida como tal, ao contrário da cidade de Mariana, já legitimada pela Constituição Estadual de 1989.

OBJETIVOS

GERAL

Buscar construir, a partir de articulação regional, o Norte de Minas como co-partícipe da fundação e consolidação da Sociedade Mineira.

ESPECÍFICOS

- Apresentar Proposta de Emenda Constitucional à Assembléia Legislativa referente à alternância da comemoração do Dia do Estado de Minas Gerais entre Mariana, Berço da Cultura e Civilização das Minas, e Matias Cardoso, Berço da Cultura e da Civilização dos Gerais;
- Instituir Medalha e Comenda para homenagear, por mérito e reconhecimento, personalidades norte mineiras que contribuíram para a consolidação regional;
- Realizar processo participativo envolvendo os municípios norte mineiros para levantamento de ações prioritárias, por meio de oficinas, em oito cidades pólos micro-regionais e um seminário em Montes Claros, para fechamento do processo de elaboração da *Agenda de Ações para o desenvolvimento do Norte de Minas*;
- Encaminhar a Agenda de Ações para o Desenvolvimento do Norte de Minas ao Governador do Estado de Minas Gerais, aos candidatos a Governador e a Presidente da República;
- Realizar eventos artísticos-culturais, sócio-políticos e acadêmicos para levar à população da capital as informações históricas, sócio-culturais e políticas que fundamentam a co-participação do Norte de Minas na fundação e consolidação da Sociedade Mineira;
- Concelebrar solenemente uma missa com a presença do Arcebispo local, com o Arcebispo de Montes Claros e os Bispos de Janaúba e Januária;
- Desfraldar em espaços públicos de Belo Horizonte, estandartes que informem à população da capital as personalidades históricas dos Gerais.

JUSTIFICATIVA

É possível justificar o projeto *Movimento Catrumano* a partir de duas perspectivas, uma cultural e uma histórica, sendo que se faz necessário fundamentá-las por meio de estudos produzidos cientificamente no mundo universitário.

Com relação à primeira, inicialmente recorro a um estudioso nacional das realidades regionais brasileiras, procurando compreendê-las como regiões culturais. Manoel Diegues Júnior (1960)¹⁶ argumenta que é por meio do processo de ocupação humana verificado no passado nacional é que se pode caracterizar a formação de regiões culturais. Estas são vistas como “um conjunto ecológico de pessoas, aproximadas pela unidade das relações espaciais da população, da estrutura econômica e das características sociais, dando-lhe, em conjunto um tipo de cultura que, criando modo de vida próprio, a difere de outras regiões” (1960: 7). Há que considerar, também, na argumentação desenvolvida pelo estudioso das regiões culturais brasileiras que se faz importante “ressaltar a existência de uma conformidade entre as fases e tipos de evolução econômica e política e as de desenvolvimento social” (op. cit.: 15), que constituem os fundamentos de uma região cultural.

No território onde se fundou, se constituiu e se consolidou a Sociedade Mineira, esse mesmo autor apresenta duas formações sócio-culturais e históricas distintas, uma vinculada ao Nordeste Mediterrâneo em que

a sociedade que se formou teve no *vaqueiro o seu tipo humano característico*, a mestiçagem intensificou-se; *os currais e depois as fazendas de criação* representam o principal centro social desta região, em cujo território outras características foram se desenvolvendo, de modo a criar novos aspectos culturais na região (op. cit.: 20, grifos meus).

E a outra região cultural caracterizada como Mineração no Planalto com a

formação dos arraiais de *mineração*, ambiente de riqueza, de fausto, de vida social intensa, mamelucos, mulatos, reinóis, judeus, e não só paulistas e nordestinos participam da formação humana; criaram-se condições culturais próprias que nos nossos dias, vêm sofrendo significativa mudança com as transformações decorrentes do desenvolvimento da metalurgia, sob cuja *influência se verifica o processo de vida regional* (op. cit.: 21, grifos meus).

¹⁶ DIEGUES JÚNIOR, Manuel. *Regiões Culturais do Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais; Ministério da Educação e Cultura, 1960.

Há que considerar, ainda, a argumentação desenvolvida por um dos construtores da mineiridade e já exposta na introdução deste projeto. Mas não custa retomá-lo nesta justificativa. Para Sylvio de Vasconcellos,

é indispensável distinguir as Minas, *das Gerais*; os mineiros dos *geralistas*. São duas mentalidades absolutamente diversas, duas épocas, duas formações históricas diferentes, duas áreas geográficas. Agora, sim, aparece o contraste: a montanha e o campo” (1968: 193, grifos meus)¹⁷.

Uma outra forma de caracterizar as diferenças entre os exploradores do ouro e os criadores de gado se vincula às particularidades de cada área onde se situam desde os primórdios da história estadual. Para ele,

acabado o ouro, [o minerador] recorre a outras atividades, mas não se desmente, nem se deixa seduzir pelo êxito litorâneo. Refugia-se nos matos, ampliando as roças ligeiras que vinha cultivando, finca pé em suas fazendas e espera. O violento retorno às atividades rurais, que havia enterrado com seus ancestrais, traumatiza-o, quebra-lhe o ânimo, perturba-lhe a fé. Em conseqüência, de rebelde, passa a apegado ao poder que, no fundo, despreza, mas do qual depende. Nasce dessa contingência sua inclinação incoercível pela política. E sua rebeldia persistente, de fundo, contrabalançada por seu legalismo formal. (op. cit.: 52).

Por outro lado, ao norte e noroeste de Diamantina

o deserto, só humanizado pelos caminhos do sul que alcançam o Serro, pelo Jequitinhonha, que corre para o desconhecido, e pelo São Francisco distante, de onde provêm *as boiadas*. Poucas povoações, as que ficam mais *ao Norte não são mais mineiras*; recolhem-se às barrancas do grande rio, *baianas e pastoris* (id. 54, grifos meus).

E ao comparar as paisagens e as gentes das duas regiões co-participes na fundação e consolidação da Sociedade Mineira, Sylvio de Vasconcellos (1968) afirma,

se a montanhas condiciona romantismos, fantasias, barroquismos, os largos horizontes das pastagens enchem-se de luz e de alegria. Facilmente se observa que *as populações pastoris* são bem mais extrovertidas, vivaces, jactansciosas que a dos socavões auríferos ou das encostas rurais protegidas pela montanha. Aquelas não se ensimesmam, exaltam-se mais prontamente, se autovalorizam com freqüência, disfarçando fraquezas. Estas são introvertidas, exalam modéstias, encaramujam-se. Os horizontes são curtos, breves, sombrios, e só o céu compensa a ausência do mar, inatingível, reduzido a uma saudade angustiante, sem fim (op. cit.: 59, grifos meus)

Há intelectuais da área pastoril que reconhecem e afirmam as diferenças entre os Mineiros e os Norte Mineiros. Cyro dos Anjos (1963)¹⁸, escritor montesclarensense que se

¹⁷ VASCONCELLOS, Sylvio. *Mineiridade. Ensaio de Caracterização*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1968.

¹⁸ ANJOS, Cyro. *Explorações no Tempo. Memórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

transferiu para o Rio de Janeiro, descreve em suas memórias um périplo que fez por sua região natal e informa uma paisagem distinta das alterosas que são a imagem legitimada de Minas Gerais, “quando o caminho apanha a crista da chapada, amplas perspectivas se rasgam, escalonadas em ondulações que vão cambiando do verde para o azul, até se diluírem na fimbria. Tem-se a impressão do mar” (1963: 215). Por sua vez, Antônio Augusto Teixeira (1975)¹⁹ compara as duas paisagens informando que “esta Minas acidentada, das montanhas escarpadas e vales férteis e profundos, de ínvios caminhos ... é diferente da nossa Minas baiana... das chapadas estéreis a perder de vista, amplos horizontes, onde o homem corre e o pensamento voa” (1975: 85). E Simeão Ribeiro Pires (1978)²⁰ ao discorrer sobre a *gênese dos povoados no sertão* mineiro, informa que “nas *minas*, as igrejas e os povoados se erguem nas montanhas e colinas. Nos *currais de gado*, nas planícies ou terrenos levemente ondulados. Nas *montanhas*, junto às *catas* das minas. Na planície, junto às terras sem fim, do pastoreio” (1978, 266, grifos no original).

E, finalmente, Darcy Ribeiro(1988), em *Migo*, livro em que se afirma mineiro, ao fazer sua narrativa da história estadual informa que: “antes de existir Minas já era dele (Antônio Guedes de Brito)... Ficamos sendo Minas Gerais quando deveríamos ter por nome Gadaria ou Currais São-franciscanos ou talvez até, melhor, País do Rio das Velhas” (1988: 58). Por outro lado, ao comparar Mineiros e Norte Mineiros afirma: “meu povo mineiro, do lado do Mangueiral [Montes Claros], é uma baianada sofrida, querendo alegrias sem alcançar, o daqui das serras é um povo indiano, cismado, caturra, rezando resignado” (id.: 110)²¹.

Do ponto de vista histórico, a justificativa do *Movimento Catrumano* pode se dar pela utilização de estudos de historiadores mineiros para não propiciar furos argumentativos para que os instituidores do Dia do Estado de Minas Gerais em 16 de julho a ser comemorado em Mariana não joguem por terra toda a articulação regional.

Historiadores mineiros como Diogo de Vasconcelos(1900)²² e Salomão de Vasconcelos (1944)²³ informam que na expansão pastoril pelas margens e vale do São Francisco, baianos e paulistas fundaram diversas povoações desde meados do século XVII, algumas décadas antes do descobrimento e exploração do ouro. Os arraiais ocupados pelos criadores de gado, posteriormente passaram a fazer parte da Capitania de Minas Gerais em

¹⁹ TEIXEIRA, Antônio Augusto. *Um Caso antes dos Noventa*. Belo Horizonte: O Lutador, 1975.

²⁰ PIRES, Simeão Ribeiro. “Gênese dos Povoados no Sertão”. In *Antologia da Academia Montesclarensense de Letras*. Montes Claros: Comunicação, 1978.

²¹ RIBEIRO, Darcy. *Migo*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

²² VASCONCELOS, Diogo Pereira Ribeiro de. *História Antiga de Minas Gerais*. Belo Horizonte: s/e, 1900.

²³ VASCONCELLOS, Salomão - *Bandeirismo*. Belo Horizonte: Biblioteca Mineira de Cultura, 1944, Volume XV.

1720, na tentativa da administração colonial em impedir que o ouro explorado na região aurífera se deslocasse para o sertão e não para Portugal. Esses historiadores mineiros denominaram à expansão da sociedade pastoril norte mineira pelo território de Minas Gerais como a *madrugada* de Minas, sendo que o ouro iluminou a *aurora* do mesmo Estado. Dessa forma, evidenciam o fato de que Minas Gerais é fruto da conjugação da sociedade mineradora, nas entranhas da Serra do Espinhaço, com a sociedade pastoril, disseminada pelas chapadas que se espalham na depressão do curso médio do rio São Francisco.

Faz-se necessário aprofundar um pouco mais essa evidencia afirmada por Diogo de Vasconcelos e de Salomão de Vasconcelos. Vamos aos fatos.

Por volta dos anos 1612, conforme o historiador paulista Affonso de Taunay (1948)²⁴, bandeiras anônimas paulistas começam a percorrer o rio São Francisco criando o que veio a se chamar, posteriormente, de Caminho Geral do Sertão. Na década de 1650, a sociedade do Recôncavo baiano começou a ser invadida por grupos indígenas aliados a negros aquilombados no sertão. Como diversas expedições baianas não foram capazes de debelar essa ameaça que pairava sobre as populações dedicadas à produção de açúcar, o governo da Capitania Bahia entendeu de pedir auxílio a paulistas. Dentre eles, Mathias Cardoso de Almeida que comandava a bandeira herdada de seu pai, conduziu um grupo de mais de cem “bandeirantes”, além de escravos negros e indígenas para a região média do rio São Francisco, objetivando apreiar índios e exterminar com os quilombos, cuja existência ameaçavam constantemente as povoações dedicadas ao cultivo da cana de açúcar e à criação de gado.

Ao chegar, por volta de 1660 na região do rio Verde Grande, Mathias Cardoso de Almeida e seu grupo aí se estabeleceu. Foram fundados alguns arraiais e algumas fazendas, dentre eles, o Arraial do Meio ou de Mathias Cardoso e a fazenda Jahyba de Antônio Gonçalves Figueira nas cabeceiras do rio das Rãs próximo a Bom Jesus da Lapa na Bahia. Entretanto, pouco depois de estabelecidos os arraiais nas margens do rio Verde Grande tiveram que mudar suas localizações devido às inundações e à insalubridade da área. Fundou-se então, nas margens do rio São Francisco e amparado por algumas elevações rochosas, o povoado de Morrinhos, hoje cidade de Matias Cardoso. Essa a primeira povoação duradoura a se estabelecer no território mineiro, apesar de na época pertencer à Capitania da Bahia.

²⁴ TAUNAY, Affonso de Escagnolle. *História Geral das Bandeiras Paulistas*. São Paulo: Imprensa Oficial, 1948, 11 volumes.

Continuando a sua luta contra os grupos indígenas, a bandeira liderada por Mathias Cardoso de Almeida que fora chamado a São Paulo para acompanhar Fernão Dias Paes na busca das esmeraldas, fundou em 1668 as povoações de Brejo do Salgado, hoje Januária, e São Romão. Para poderem se estabelecer nessas localidades, os paulistas do grupo de Mathias Cardoso de Almeida, precisaram exterminar e aprisionar os indígenas que aí viviam. Salomão de Vasconcellos informa em seu livro sobre o *bandeirismo*, que Manoel de Borba Gato após assassinar o fidalgo espanhol Dom Rodrigo de Castel Branco estabeleceu-se e fundou a povoação da atual Barra do Guaycuí, na confluência do rio das Velhas e do rio São Francisco em 1684.

Desde sua fundação por volta de 1660, a sociedade pastoril disseminada a partir de Morrinhos se dedicou à criação de gado e à produção de gêneros alimentícios, que comercializavam com a cidade de Salvador e o Recôncavo. Daí a existência de um caminho que ligava as duas cidades e que posteriormente fizeram parte dos chamados *caminhos do sertão* ou *caminhos da Bahia*. O comércio com a sociedade baiana era tão intenso e lucrativo que possibilitou à população de Morrinhos construir uma imensa igreja, *a primeira de Minas Gerais*, ainda hoje existente na cidade de Matias Cardoso, ela era e é dedicada a Nossa Senhora da Conceição. Constituiu-se como primeira *freguesia* no território do Estado de Minas Gerais. Fato que ocorreu no ano de 1695, antes mesmo da fundação do Arraial de Nossa Senhora do Carmo, hoje Mariana, que ocorre em julho de 1696, alguns meses depois. Foi nomeado para pároco o padre Antônio Thomaz Corvelo Garcia D'Ávila, que posteriormente, em 1706 passa também a atender à população localizada no território do atual município de Curvelo, até onde sua paróquia se estendia. Pároco esse que posteriormente aí se instalou definitivamente para contribuir com os criadores de gado na luta contra a administração colonial, principalmente nos conflitos da Vila do Papagaio.

Em 1694 é achado ouro no ribeirão Tripuí. Entretanto, a exploração continuada de tal minério só ocorre mesmo após a descoberta do ouro de aluvião na região de Mata Cavalos no ribeirão que os paulistas chamaram de Nossa Senhora do Carmo e que ocorreu em 16 de julho de 1696. Antonil (1997)²⁵ em seu livro *A opulência do Brasil*, informa que em 1697, 1699 e 1701, os mineradores que acorreram para a região onde o ouro foi descoberto e estava sendo explorado tiveram que abandonar as lavras, catas e minas, pois a fome generalizada impedia-lhes continuarem em sua busca desenfreada pelo abundante ouro²⁶.

²⁵ ANTONIL, André João. *Cultura e Opulência do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1997.

²⁶ Aprofundamento desta questão pode ser encontrada em ZEMELLA, Mafalda P. *O Abastecimento da Capitania das Minas Gerais no Século XVIII* São Paulo: Hucitec; EDUSP, 1990. Estudos Históricos.

Após esse período não mais ocorreram ciclos bi-anuais de fome que impediam a consolidação da sociedade mineradora. O que realmente ocorreu? Sendo uma sociedade *dependente* de alimentos, já que não havia ninguém que se dedicasse à produção dos mesmos por estarem todos voltados para a exploração do ouro, era necessário que uma outra região do país atendesse à essa demanda e possibilitasse aos mineradores dedicarem-se, sem interrupção, à exploração do minério aurífero. Quem viabilizou que gêneros alimentícios, gado e animais de transporte suprissem à demanda da sociedade mineiradora? Naquele período, quem primeiro acorreu em favor dos mineradores e dominou o comércio de gêneros alimentícios foram os membros da sociedade pastoril que viviam nas margens do rio São Francisco e que vinham suprindo a sociedade baiana dos mesmos produtos.

Se Mariana, por atuação de seus filhos, e pelo papel simbólico que exerceu e exerce para o imaginário mineiro fez-se *berço de Minas* e como tal é reconhecida, com toda razão. Faz-se necessário que a sociedade mineira deixe de negar sua verdadeira história nascente e assumam a atual Matias Cardoso, antiga Morrinhos, como o *berço dos Gerais*. Não se pode compreender que Minas Gerais continue a crer que apenas a sociedade mineradora lhe deu fundação e que a sociedade pastoril dos antigos *Currais do São Francisco*, hoje Norte de Minas, não tenha tido papel crucial nesse momento fundante da sociedade mineira. Basta ler com atenção a historiografia que trata dos primórdios da sociedade brasileira, principalmente nos séculos XVII e XVIII.

Mais que reconhecer Matias Cardoso como *berço dos Gerais* é necessário elevar a auto-estima dos moradores dessa localidade e das localidades Norte Mineiras para que não percam as tradições que secularmente vivenciam. Assim como preservar o patrimônio arquitetônico e paisagístico que aos poucos vai se deteriorando em decorrência de não serem restaurados como os daquelas cidades que Minas tem como suas meninas dos olhos: Mariana, Ouro Preto, São João del Rei, Sabará e Diamantina, dentre outras. Seus *morrinhos* vão sendo dilapidados por não se reconhecer nas elevações que protegeram secularmente a matriz de Nossa Senhora da Conceição o seu valor histórico e que hoje suprem as construções de pedras para alicerce de casas e outras coisas mais. O *berço dos gerais* está à espera que os norte mineiros de uma forma particular e os mineiros em geral se levantem na defesa desse patrimônio, até então relegado e esquecido, por situar-se num território que não se constitui para o imaginário da sociedade mineira como partícipe de sua formação inicial e que não tem poder simbólicos neste mesmo imaginário e por isso o *esquecimento* que todos os

administradores políticos e a população em geral afirma recorrentemente quando se fala em desenvolvimento regional.

Toda essa história é possível ler em Salomão de Vasconcellos, um historiador reverenciado por todos os mineiros, em seu livro sobre o *bandeirismo* para quem “o povoador ancestral, foi incontestavelmente, o vaqueiro do norte, a cujo esforço, conjugado logo depois com o do bandeirante do sul, devemos precipuamente os alicerces da independência econômica, da ocupação territorial e da civilização do planalto (1944: 22)”. Esse povoador ancestral firmou seu pé primeiramente em Morrinhos, hoje Matias Cardoso, que nos primórdios de sua existência foi um “cenário dos mais retumbantes acontecimentos do alvorecer das Minas, ponto forçado de penetração para os planaltos, centro ativo de comércio e teatro predileto das bravatas e escaramuças do maior caudilho do tempo, o famigerado Manoel Nunes Viana (1944: 24)”. Por sua vez, os viajantes alemães Spix e Martius (1976)²⁷ quando passaram por Morrinhos no início do século XIX afirmam, baseados em documentos manuseados por eles e que posteriormente foram queimados, que essa localidade possuía na época de instalação da *freguesia* em 1695 cerca de 10.000 almas, fora a 12.000 almas espalhadas por todo o território paroquial que englobava parte do território baiano e imensa parte do território mineiro, já que Caetés e Sabará dele faziam parte, primordialmente.

Assim, como forma de reconhecer o papel crucial dos norte mineiros na fundação e consolidação da historicidade e da sociedade mineira e contribuir para a transformação, simbólica, dessa região vista como esquecida, isolada, atrasada, os legisladores mineiros deveriam apoiar uma emenda constitucional que dispusesse a comemoração, alternada, do dia do Estado de Minas Gerais, com a sua transferência simbólica, para as duas localidades fundadoras da Sociedade Mineira. Em um ano, Mariana seria vangloriada como o berço da cultura e da civilização das Minas e no ano seguinte, Matias Cardoso seria vangloriada como o berço da cultura e da civilização dos Gerais. E, num moto contínuo, os mineiros atuais e futuros tomariam conhecimento da dualidade mineira e passariam a reverenciar as duas formações sociais que, primordialmente, lhe deram configuração.

E, por fim, se o Estado de Minas Gerais, por disposição da Constituição de 1989, reconhece como fato fundante de sua historicidade e sociedade a descoberta do ouro no curso do Ribeirão Nossa Senhora do Carmo em 16 de julho de 1696, e, para comemorar tal evento, transfere-se simbolicamente para a cidade de Mariana isto se deve à ação dos membros da

²⁷ SPIX, J. B. von e MARTIUS, C. F. P. von –*Viagem pelo Brasil. 1817-1820*. 3 ed. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1976. 3 volumes.

Academia Marianense de Letras e da Casa de Cultura de Mariana, como pode ser lido em livro organizado por Roque Camêllo (1991)²⁸ em que narra, precisamente, o processo de articulação para viabilização de tal data e de tal evento.

Nos eventos comemorativos Mariana tem reforçada, simbólica e materialmente, pelo poder político estadual sua condição de berço de Minas. Não há como negar que o ouro propicia a emergência de uma nova história e de uma nova sociedade a partir da atual cidade de Mariana, que se afirma discursivamente como “o berço da cultura e da civilização mineira”. Entretanto, essa disposição constitucional e essa afirmação marianense, se passadas pelo crivo dos fatos do passado ou mesmo pela historiografia mineira de meados do século XX não se respaldam.

A instituição da data de 16 de julho como o ato de fundação do Estado de Minas Gerais foi decorrente da agência de membros da Academia Marianense de Letras e da Casa de Cultura de Mariana visando o reconhecimento desta cidade como berço da mineiridade, em contraposição ao reconhecimento de sua vizinha, Ouro Preto, como berço da brasilidade, como afirmaram os modernistas desde que começaram a valorizar as coisas propriamente nacionais.

Reconhecer, apenas, Mariana como berço do Estado de Minas Gerais é obliterar o papel dos criadores de gado na atual região norte mineira como co-partícipes da fundação e consolidação da historicidade e da sociedade mineira. Afinal, há as Minas, mas, há, também, os Gerais. E, dada esta fundamentação, este projeto se justifica.

²⁸ CAMÊLLO, Roque José de Oliveira. *16 de Julho. O Dia de Minas. Discursos pronunciamentos, ensaios, crônicas e poemas sobre a data constitucional mineira*. Belo Horizonte: Lemi, 1991.

OPERACIONALIZAÇÃO

Minas Gerais tem o seu dia, 16 de julho, que é comemorado em Mariana, que se diz, como lugar mais antigo das minas gerais, o berço da cultura e da civilização mineira.

Concordamos com isto em parte, porque Minas Gerais não é apenas mineira ou mineradora. Ela é também gado e sertão. Por isto, o Norte de Minas está se levantando e se articulando para apresentar em Belo Horizonte e Mariana entre os dias 14 e 15 de julho de 2006 o *Movimento Catrumano*, que é coordenado pela Unimontes.

Instituir as Medalhas *Mathias Cardoso de Almeida* e *Maria da Cruz* e a Comenda *Civismo e Consciência dos Gerais* a personalidades públicas que tenham reconhecidamente contribuído para a região Norte de Minas. A partir da instituição constitucional da cidade de Matias Cardoso como Berço da Cultura e da Civilização dos Gerais, a entrega das Medalhas e da Comenda passará a ser entregue durante as comemorações do Dia do Estado de Minas Gerais na cidade que dá fundação aos *Currais do São Francisco*.

O que é isto? Neste dias iremos à capital dizer que Minas Gerais não é una, que ela é dual e que para ser concorde com a sua realidade o dia do estado deve ser comemorado em Mariana e em Matias Cardoso, as duas povoações mais antigas e duradouras das duas regiões fundadoras e consolidadoras da sociedade mineira. Afinal, em 1720 quando foi criado a Capitania de Minas Gerais, parte dos *Currais do São Francisco*, ou seja, aquela que pertencia à Capitania da Bahia, foi vinculada à região aurífera, *as minas gerais* que deu nome a unidade administrativa que a Coroa Portuguesa criava. Esta unidade é resultado da desvinculação de uma área da Capitania da Bahia e de outra área da Capitania de São Paulo e Minas do Ouro, sendo que esta passou a se chamar Capitania de São Paulo.

No *Movimento Catrumano* apresentaremos um projeto de emenda constitucional alternando a comemoração do dia do estado em 16 de julho, ficando um ano em Mariana e outro ano em Matias Cardoso. Mas, também, apresentaremos uma *Agenda de Ações MesoNorte* a serem implantadas e desenvolvidas na região definidas a partir de um processo de planejamento com discussões em todos os municípios e apresentados em reuniões micro-regionais e definição final em um seminário em Montes Claros. Este processo ocorrerá entre fevereiro e julho.

Durante os dias do evento em BH ocuparemos os espaços da Serraria Souza Pinto em Belo Horizonte e os espaços da Assembléia Legislativa. E, em Mariana, o Arcebispo de Montes Claros e os Bispos de Janaúba e Janaúria concelebrarão uma Missa Solene no evento

do Dia de Minas Gerais com a presença do Governador, do Presidente da Assembléia Legislativa e do Presidente do Tribunal de Justiça.

Serão entregues a Proposta de Emenda Constitucional ao Governador e ao Presidente da Assembléia, assim como uma Agenda de Ações para o Desenvolvimento Norte Mineiro a essas duas autoridades, mas, também, aos candidatos a Governador e a Presidente da República.

Na Assembléia Legislativa, nos Plenarinhos, ocorrerão mesas redondas com políticos e acadêmicos do Norte de Minas e de Minas Gerais para discussão de temáticas. Pretendemos ocupar todos os programas da TV Assembléia.

No Automóvel Clube, Theodomiro Paulino realizará uma festa de gala.

Na Serraria Souza Pinto em Belo Horizonte será estruturada uma diversidade de espaços com tendas e palcos onde ocorrerão shows e espetáculos de dança e de teatro, exposição de artistas plásticos, apresentação de filmes de diretores norte mineiros e para uma feira de produtos e artesanato e da culinária norte mineira. Na entrada da Serraria será colocado um portal identificando o evento e ao longo do muro que a cerca na Avenida dos Andradas, serão colocados estandartes com os nomes de personalidades históricas dos Gerais.

**MEDALHAS MATHIAS CARDOSO DE
ALMEIDA E MARIA DA CRUZ
E
COMENDA CIVISMO E CONSCIÊNCIA DOS
GERAIS**

INTRODUÇÃO

O imaginário mineiro sobre a formação de Minas Gerais difere da justiça histórica. Historiografia, estórias, livros escolares e outras fontes, entre elas a própria Constituição Mineira de 1989 informam que o nosso Estado tem origem em Mariana. É a Constituição, inclusive, que determina a mudança simbólica da Sede do Governo Estadual para a cidade de Mariana todos os anos, sempre em 16 de julho, Dia do Estado de Minas Gerais.

Fato é que, enquanto a sociedade aurífera do nosso Estado teve início oficial nas margens do Ribeirão Nossa Senhora do Carmo em 1696, com a fundação do arraial que veio a ser a Cidade de Mariana, a partir de 1660, o bandeirante Mathias Cardoso de Almeida já se fixava nas margens do rio Verde Grande e, posteriormente, do rio São Francisco, em Morrinho, atual Cidade de Matias Cardoso, em evento fundante da sociedade agropastoril. Talvez em definição mais clara tenhamos as Minas, a partir de Mariana, e os Gerais, a partir de Matias Cardoso.

Para resgatar a verdade histórica, representantes de três instituições das mais importantes do Norte de Minas – Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), Associação dos Municípios da Área Mineira da Sudene (AMAMS) e Prefeitura Municipal de Montes Claros – com o apoio de diversos segmentos da Sociedade Regional contemporânea, se unem e lançam o *Movimento Catrumano*, cujo objetivo principal, antes de tudo, é ressaltar o orgulho que nós, os vaqueiros e tropeiros, viventes desta porção do Estado, temos de ser norte mineiros, seja por nascimento, seja por adoção.

Simbolicamente, a primeira bandeira do *Movimento Catrumano* é a apresentação de uma PEC (Proposta de Emenda à Constituição Mineira), propondo que as comemoração do Dia do Estado de Minas Gerais, já a partir de 2007, sejam alternadas entre Mariana e Matias Cardoso. E a proposta é de reconhecimento do papel de Mariana, por isso, a manutenção do dia 16 de julho, e de alternância porque este movimento não tem a pretensão de dividir o que quer que seja, mas sim reforçar e ampliar o universo da identidade mineira, incluindo, positiva e definitivamente a porção Norte em corações e mentes de todos os mineiros.

Paralelamente, o *Movimento Catrumano* vai elaborar, por meio de ampla consulta participativa, envolvendo todos os 92 municípios do Norte de Minas, a *Agenda de Ações para o Desenvolvimento Regional – Agenda MesoNorte* – estudo que possibilitará às autoridades governamentais identificarem, exatamente e com precisão, quais são os nossos anseios, os

nossos desejos, as nossas necessidades. A *Agenda MesoNorte* será uma valiosa contribuição aos inúmeros projetos que vêm sendo desenvolvidos em nosso favor.

O *Movimento Catrumano* surge num momento extremamente propício, já que, pela primeira vez, o Governo do Estado, ao criar a Secretaria de Estado Extraordinária de Desenvolvimento dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri e do Norte de Minas, logo no primeiro dia do atual mandato, reconhece, não apenas, a distorção socioeconômica, mas, principalmente, o lapso histórico.

Antes da constituição formal deste *Movimento Catrumano*, certamente, outros movimentos catrumanos surgiram. Outros Catrumanos dedicaram-se ao movimento de manter sempre elevada a auto-estima dos norte mineiros e cada vez mais forte a identidade de nossa região.

Em reconhecimento àqueles que têm o Norte de Minas tatuado, simbolicamente, no peito, o *Movimento Catrumano* institui uma honraria em reconhecimento às suas atuações, a **Medalha Mathias Cardoso de Almeida**, a **Medalha Maria da Cruz** e a **Comenda Civismo e Consciência dos Gerais**, medalha e comenda que pretendem eternizar, por intermédio de singela homenagem, todo o orgulho que o sertanejo tem pelo seu sertão.

OBJETIVOS

Geral

Instituir honraria de reconhecimento da atuação de norte mineiros de nascimento e de adoção em prol do Norte de Minas.

Específicos

- Instituir a **Medalha Mathias Cardoso de Almeida** e a **Medalha Maria da Cruz** a serem concedidaa à personalidades norte mineiras de nascimento ou de adoção que tenham, reconhecidamente, atuado em prol do Norte de Minas;
- Instituir a **Comenda Civismo e Consciência dos Gerais** a ser concedida à personalidades norte mineiras de nascimento ou de adoção que tenham, reconhecidamente atuado em prol do Norte de Minas, nas áreas de Ação Social, Agropecuária, Cultura, Educação, Infra-Estrutura, Meio Ambiente, Saúde e Turismo;
- Constituir, sob a coordenação da Unimontes, um Conselho das Medalhas e da Comenda para definição dos homenageados;
- Realizar a entrega das Medalhas e da Comenda na cidade de Matias Cardoso, durante os eventos de comemoração do Dia do Estado de Minas Gerais, depois de instituída constitucionalmente a alternância da comemoração entre as duas cidades berços de Minas Gerais.

OPERACIONALIZAÇÃO

A Medalha *Mathias Cardoso de Almeida*, a Medalha *Maria da Cruz* e a Comenda *Civismo e Consciência dos Gerais* serão entregues a personalidade que se destacaram (*in memoriam*) ou ainda se destacam no levante das bandeiras do Norte de Minas.

A definição dos homenageados será feita por um **Conselho Permanente**, sob a coordenação da Unimontes, formado por dirigentes de entidades ou representantes de segmentos, revestidos dos cargos que ocupam e não na condição de cidadãos. A presidência deste Conselho será escolhida anualmente pelos seus membros.

Conselho Permanente

Constituirão o Conselho Permanente da Medalha e da Comenda as seguintes representações:

1. Reitor da Universidade Estadual de Montes Claros;
2. Diretor Geral do Fórum Gonçalves Chaves;
3. Presidente da Associação dos Municípios da Área Mineira da Sudene;
4. Prefeito de Matias Cardoso;
5. Prefeito de Montes Claros;
6. Arcebispo Metropolitano;
7. Representação Regional do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais;
8. Representação Regional da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais.
9. Representante Regional da Federação da Agricultura do Estado de Minas Gerais.

Homenageados

Os condecorados com a Medalha de Honra *Mathias Cardoso de Almeida*, a Medalha de Honra *Maria da Cruz* e a Comenda *Civismo e Consciência dos Gerais* serão definidos por meio de escrutínio individual pelos componentes do Conselho Permanente. Cada um escolherá um nome entre aqueles indicados pelos próprios membros do Conselho ou por qualquer cidadão norte mineiro que deverá encaminhar documento fundamentando sua indicação. Em seguida, acontecerão turnos consecutivos até que se defina os homenageados,

sendo um para cada Medalha – um homem e uma mulher - e um de cada área para a Comenda - Ação Social, Agropecuária, Cultura, Educação, Infra-Estrutura, Meio Ambiente, Saúde e Turismo.

Também serão condecorados os componentes do Conselho Permanente quando não mais fizerem parte do mesmo. E sempre que houver substituição de representações em cada cadeira do Conselho, o novo componente também será condecorado.

Nenhuma personalidade poderá ser homenageada por mais de uma vez com as Medalhas de Honra ou com a Comenda.

Solenidade de Entrega

A Medalha de Honra *Mathias Cardoso de Almeida*, a Medalha de Honra *Maria da Cruz* e a Comenda *Civismo e Consciência dos Gerais* serão entregues na Cidade de Matias Cardoso, após a instituição constitucional desta cidade como Berço da Cultura e da Civilização dos Gerais, durante as festividades do Dia do Estado de Minas Gerais, quando o Governador procederá à entrega das honrarias.

**FESTA CATRUMANA
EM BELO HORIZONTE**

INTRODUÇÃO

A implementação de um plano de desenvolvimento da região, aproveitando todas as suas potencialidades, parte da valorização das manifestações culturais do norte de Minas.

Nossa história, nossa gente e nossos costumes se farão representar pela singularidade regional, na alegria que sobrevive nas festas, nas feiras, nas rezas, nas lendas e mitos, num gole de cachaça, num arroz com pequi, numa carne de sol, em alegres folguedos, nos tipos populares, nos personagens históricos quando o povo lustroso, moreno, bonito, resultado de casamento entre índios, negros e brancos, se juntará não para lamentar ou apenas cantar os Gerais, mas para reivindicar presença na história de Minas.

Para tanto propomos que as atividades culturais representativas da região, tendo com eixo norteador a identidade regional possam ser inscritas no projeto a partir da definição dos municípios envolvidos.

Pretende-se com isto, dar ao *Movimento Catrumano* uma cara de Virada Cultural, objetivando democratizar a cultura estaremos levando à Serraria Souza Pinto em Belo Horizonte inúmeras atividades artístico-culturais, que caracterizam a identidade dos Gerais e possibilitando uma leitura e o entendimento do público em geral da diversidade cultural e das singularidades de nossa região.

O *Movimento Catrumano*, no que tange suas atividades culturais estará acontecendo durante dois dias e no espírito de Virada Cultural, afirmando nas Minas o espaço dos Gerais.

OBJETIVOS

GERAL

Reunir as manifestações artístico-culturais, representativas dos Gerais e leva-las as Minas.

ESPECÍFICOS

Valorizar as manifestações artístico-culturais do norte de Minas;

Mobilizar as manifestações culturais que representem à singularidade do norte de Minas;

Agrupar as manifestações por linguagens possibilitando uma maior visibilidade;

Oportunizar o intercâmbio entre dos municípios entre si;

Marcar o evento que será representativo do *Movimento Catrumano* no aspecto cultural.

OPERACIONALIZAÇÃO

Do espaço

Já foi estabelecido um contato prévio com a Secretaria de Estado da Cultura que cedeu a Serraria Souza Pinto em Belo Horizonte, onde pretendemos realizar o evento, durante dois dias. Este local, foi escolhido por caracterizar um espaço popular, de uma abrangência que acreditamos virá consolidar a visibilidade que o Movimento pretende, e terá a capacidade de concentrar toda a diversidade cultural, permitindo ações simultâneas, facilitando o trânsito, ampliando as possibilidades de contatos e ganhando uma dimensão democrática.

Das representatividades Culturais.

As representatividades culturais estarão sendo identificadas a partir de micro-regiões tendo como referências as cidades pólo.

Da Seleção dos aspectos Culturais

Será selecionado o aspecto representativo daquela micro-região considerando os itens elencados abaixo:

Artes Visuais: Cinema, Fotografia, Artesanato, etc.

Manifestações Populares: Contadores de Causo, Festas religiosas, Folguedos.

Literatura: Cordel, Repentistas, Lendas, Mitos.

Música: Serestas, Foliões, Violeiros.

Comidas e Bebidas Típicas: Carne de sol, Arroz com pequi, Paçoca

Dança: Folguedos tradicionais

Teatro: Grupos que já tenham trabalhos prontos que contemplem a estética interiorana.

Cada cidade indicará as manifestações representativas, indicando-as para a Coordenação Cultural que se responsabilizará pela agenda do evento. A infra-estrutura, no

Parque que viabilizará as apresentações, será oferecida pelo Projeto, cabendo a cada município arcar com as despesas de transporte, estada e alimentação dos seus Grupos.

Da estrutura do evento

O evento se caracterizará por espaços com tendas, palcos e espaços livres, todos organizados de maneira a receber diversas formas de manifestações artísticas como: show, roda de batuques, varal de poesia, exposições, debates, exibições de filmes, lançamentos de livros, intervenções, etc.

Da equipe de operacionalização

Durante o planejamento das ações do evento será necessária a locação de um espaço central, com uma infra-estrutura de escritório, com equipamentos que facilite a comunicação entre as micro-regiões e favorecera a equipe realizar os agendamentos e divulgar as informações necessárias. Nesse espaço necessitaremos de dois estagiários, em tempo integral.

Para a operacionalização do evento em Belo Horizonte será fundamental que seja contratado uma equipe de apoio, conforme estabelecido em planilha.

**SEMINÁRIOS MINAS GERAIS:
FATOS, INTERPRETAÇÕES E DISCURSOS**

INTRODUÇÃO

Apresenta-se aqui um projeto para realização de Seminários Temáticos sobre a dualidade de Minas Gerais. Tais seminários serão realizados na Assembléia Legislativa de Minas Gerais – ALMG, nos dias 14 e 15 de julho do corrente ano, e estão inseridos no conjunto de ações derivadas do Movimento Catrumano, projeto âncora que tem por objetivo geral resgatar o papel da região do norte de Minas à condição de co-partícipe da fundação da Sociedade Mineira, a partir da apresentação de Emenda Constitucional à Assembléia Legislativa com o objetivo específico de alternar anualmente a comemoração do Dia do Estado de Minas Gerais entre Mariana, berço da Cultura e Civilização das Minas, e Matias Cardoso, Berço da Cultura e da Civilização dos Gerais. Ao todo pretende-se realizar 5 (cinco) seminários para se debater a dualidade de Minas Gerais a partir do exame das especificidades das Minas e dos Gerais no campo da política, da economia, do planejamento e desenvolvimento, das identidades regionais, do imaginário social e da sociobiodiversidade.

OBJETIVOS

GERAL

Debater a dualidade de Minas Gerais.

ESPECÍFICOS

Compreender as diferenças historicamente existentes entre as Minas e os Gerais;

Demonstrar a contribuição dos Gerais para a formação e consolidação da Sociedade Mineira;

Discutir a dualidade de Minas Gerais no campo da política, da economia, do planejamento e desenvolvimento, das identidades regionais, do imaginário social e da sociobiodiversidade;

Reconstrução do imaginário mineiro;

Afirmar a identidade cultural norte mineira.

JUSTIFICATIVA

Os Seminários Temáticos ora propostos justificam-se na medida em que, justamente por intermédio das discussões suscitadas pelos mesmos, será possível compreender e demonstrar para as elites regionais, intelectuais e o público em geral as especificidades que tornam historicamente distintas as regiões das Minas e dos Gerais e, ao mesmo tempo esclarecer a importância dos Gerais no processo de construção e consolidação da Sociedade Mineira obliterada pela ideologia da mineiridade, que na sua criação enfatizou o papel e a história da região das Minas em detrimento dos fatos históricos norte mineiros na História estadual.

Os elementos básicos da ideologia da mineiridade podem ser sintetizados nos seguintes traços: apego à tradição, valorização da ordem, o senso de naturalidade, o centrismo, o realismo, a perspicácia e a habilidade como meios de alcançar objetivos políticos a menor custo. Articuladas, essas características conferem a Minas Gerais o papel de assegurar, no Brasil, o equilíbrio e a conciliação dos interesses entre as diversas unidades da Federação. Minas Gerais como o fiel da balança²⁹. Nessa perspectiva, a ideologia da mineiridade cumpre funções relevantes também no plano estadual organizando os setores dominantes “como um código que os unifica, servindo de critério para seu modo de pensar e agir”; legitima o “domínio exercido pelas elites sobre a população, fazendo com que a mesma compartilhe e reproduza os valores e símbolos” emanados do centro e, finalmente, fortalece os interesses do estado na arena nacional (Dulci, 1999, p. 200-201).³⁰

A ideologia da mineiridade, portanto, ao construir o imaginário mineiro desvinculou as duas regiões co-partícipes da fundação e da consolidação da realidade mineira e passou a enfatizar a multiplicidade de Minas, mas afirmando política e ideologicamente a sua unidade, o que possibilitou a hegemonia da identidade vinculada às Minas sobre a dos Gerais. Contudo, a dualidade existente entre as Minas e os Gerais é inegável nos planos político, econômico, social, cultural, identitário e ecológico.

No plano político, a vinculação da região pastoril, os chamados *Currais da Bahia* à região aurífera no momento do nascimento de uma nova unidade administrativa ocorreu em 1720. Nesse momento foi criada a Capitania de Minas Gerais, desvinculando a área de mineração da Capitania de São Paulo e Minas do Ouro por decisão da Coroa Portuguesa. Ao vincular a área pastoril com a mineradora na nova unidade administrativa da Colônia Brasil o

²⁹ Vide Wirth (1982).

³⁰ DULCI, Otavio Soares. Política e recuperação econômica em Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

Conselho Ultramarino pretendeu colocar sob o comando de uma única governança a dependência de alimentos da zona aurífera com a produção de gêneros alimentícios dos *Currais do São Francisco*. Fundamenta-se neste fato a ação fundadora e de consolidação do norte de Minas na constituição da Sociedade Mineira e não há como nega-lo.

No plano econômico, há uma economia devotada à mineração, seja de ouro ou de minérios de ferro, alumínio e outras, e há uma economia alicerçada na agro-pecuária. Ecologicamente o território mineiro é dividido em dois grandes ecossistemas, um a Mata Atlântica sobre as montanhas que se finaliza na serra do Espinhaço e outro, o do Cerrado que se estende sobre as chapadas e da Caatinga que se espria sobre a planície do vale do rio Verde Grande.

Do ponto de vista da identidade do mineiro, nos primórdios da documentação colonial, os moradores da Capitania de São Paulo e Minas do Ouro e depois Capitania de Minas Gerais eram nomeados como sendo os geralistas e só mais tarde mais tarde chamados de mineiros. Os moradores dos gerais, por outro lado, são conhecidos regionalmente como geraizeiros e não os geralistas (Pierson, 1972).³¹ Denominações diferenciadas para povos diferenciados.

Além disso, registram-se as diferenças lingüísticas expressas no modo cantado de falar do norte mineiro; nas expressões de uso coloquial no tratamento aos visitantes. No norte de Minas o visitante é tratado com “chegante”, nas Minas como “forasteiro”. Enfim, há uma gama de diferenças com registros na literatura, na culinária, nos artefatos culturais, nas festas e folguedos populares, no *habitus* do mineiro e do geraizeiro³².

Assim, portanto, pretende-se com os seminários propostos debater a dualidade de Minas Gerais, com o objetivo precípua de demonstrar que a região do norte de Minas é dotada de uma produção simbólica e de discursos ideológicos próprios tão fortes como os da região das Minas, capazes de colocá-la como co-partícipe da formação e consolidação da Sociedade Mineira. E, desta forma, contribuir para a consolidação do poder simbólico de Minas Gerais no conjunto das sociedades estaduais brasileiras.

³¹ PIERSON, Donald. O Homem no Vale do São Francisco. Rio de Janeiro: Minter/SUVALE, 1972, 3 volumes.

³² Vide a tese de doutoramento de Costa, João Batista de Almeida. *Mineiros e Baianos: Englobamento, Exclusão e Resistência*. Brasília: UnB, 2003

OPERACIONALIZAÇÃO

Os seminários temáticos serão realizados nos plenarinhos da Assembleia Legislativa de Minas Gerais – ALMG no dias 19 e 20 de junho de 2006. A coordenação de cada mesa redonda ficará sob responsabilidade de um deputado representante da região do norte de Minas. Ao todo são 5 (cinco) mesas redondas, a saber:

Mesas redondas temáticas

1. Formação Econômica e Política
2. Identidades/Alteridade
3. Imaginário Social
4. Sociobiodiversidade
5. Planejamento e Desenvolvimento

A AGENDA DE AÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO

INTRODUÇÃO

A *Agenda de Ações para o Desenvolvimento do Norte de Minas* (AGENDA MESONORTE), como parte do *Movimento Catrumano*, constitui-se como resultado da articulação, a mais ampla possível, da Sociedade norte mineira, que procura se apresentar diante da Sociedade Mineira, demonstrando estar ciente de que os destinos mesorregionais não devem ser tratados homeopaticamente por cada gestor municipal, a partir de uma pretensão de conhecedor da realidade de cada uma das sociedades municipais que compõem a Mesorregião do norte de Minas.

A apresentação de uma Agenda para o desenvolvimento regional é um divisor de águas na relação das lideranças norte mineiras com os governos estadual e federal.

A *Agenda de Ações para o Desenvolvimento do Norte de Minas* será construída por meio de um amplo processo de mobilização dos agentes locais envolvidos com o desenvolvimento de seus municípios. Espera-se que as Administrações Municipais norte mineiras se envolvam neste processo e contribuam para que uma ampla representação de seus municípios se faça presente nas cidades pólos a que cada uma estará vinculada.

Foram selecionadas sete cidades pólos a partir da definição das micro-regiões articuladas pela AMAMS. Entretanto, como se procura resgatar a cidade de Matias Cardoso como Berço da Cultura e da Civilização dos Gerais, definiu-se que a mesma deverá ser considerada cidade pólo micro-regional e, portanto, contemplada com uma das oficinas por meio das quais as ações para o desenvolvimento regional serão levantadas.

A participação ampla dos agentes de desenvolvimento de cada município é imprescindível porque se pretende construir uma Agenda de ações que considere a diversidade sócio-cultural e econômica regional. Essa diversidade estará representada nas delegações eleitas durante as Oficinas, cujos delegados participarão do Seminário, em Montes Claros, para o fechamento das demandas que comporão o documento a ser encaminhado ao Governador de Minas Gerais, ao Presidente da Assembléia Legislativa e aos candidatos aos governos estadual e federal.

OBJETIVOS

Geral

Elaborar, em bases participativas, a Agenda de Ações para o Desenvolvimento Integrado e Sustentável da Mesorregião do Norte de Minas (AGENDA MESONORTE).

Específicos

- Mobilizar os sujeitos mesorregionais para participação no processo de planejamento participativo da Agenda Mesonorte.
- Construir o Diagnóstico Participativo da Mesorregião do norte de minas, por meio da realização de Oficinas nas cidades pólos microrregionais.
- Estabelecer, durante Seminário a ser realizado em Montes Claros, um Plano de Ação que apresente as prioridades mesorregionais definidas pelos representantes eleitos nas Oficinas.
- Elaborar o documento final da Agenda Mesonorte, mediante a articulação entre o Diagnóstico Participativo e o Plano de Ação;
- Entregar ao Governador do Estado, ao Presidente da Assembléia Legislativa, aos candidatos ao Governo Estadual e à Presidência da República o documento: Agenda Mesonorte.

OPERACIONALIZAÇÃO

A Agenda Mesonorte será elaborada a partir de uma dúplici perspectiva. Em primeiro lugar, a abordagem do “desenvolvimento” subjacente à Agenda é, inerentemente, multidimensional, ou seja, não está restrita apenas aos aspectos relacionados ao crescimento econômico, focalizando primordialmente questões de emprego, renda e infra-estrutura. *Pari passu* ao fomento de atividades que viabilizem a melhoria das condições econômicas dos habitantes da mesorregião em tela, são considerados outros elementos cuja importância tem sido ou negligenciada ou tratada de forma inadequada, tanto ao nível teórico quanto empírico: meio ambiente, cultura, educação, saúde, terra e turismo.

Uma segunda perspectiva relaciona-se à metodologia de elaboração da Agenda. A linha de trabalho proposta opõe-se ao planejamento meramente técnico, *de gabinete*, marcado pela ausência de participação da população. Ao contrário, a proposta aqui apresentada visa justamente a elaboração de um plano de desenvolvimento cujos diagnóstico e plano de ação sejam construídos com a participação efetiva dos sujeitos da Mesorregião do norte de Minas.

Essa metodologia não prescinde de um trabalho técnico especializado. Porém, mediante o conhecimento científico produzido no meio acadêmico, busca auxiliar a população na tarefa de levantar o conjunto de suas potencialidades e estrangulamentos, bem como apontar os programas e ações necessários para o estabelecimento de uma condição de desenvolvimento integrado e sustentável para a Mesorregião como um todo.

Nesse sentido, será constituída uma equipe técnica multidisciplinar, visando abranger todas as áreas temáticas abordadas no plano, a saber: Cultura; Trabalho e Renda; Turismo; Infra-Estrutura; Terra; Meio Ambiente; Educação; e Saúde. Cada uma dessas áreas temáticas será composta por três membros: um consultor, um mestrando do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social (PPGDS) da Unimontes e um aluno da graduação da Unimontes.

A elaboração da Agenda Mesonorte ocorrerá em três etapas:

1. Construção do Diagnóstico Participativo (Oficinas);
2. Estabelecimento de um Plano de Ação (Seminário);
3. Publicação da Agenda Mesonorte, apresentando as prioridades emanadas dos sujeitos mesorregionais a partir das articulações entre as duas fases precedentes.

A mobilização dos sujeitos mesorregionais para a participação na elaboração da Agenda Mesonorte ocorrerá ao longo de todo o processo, de modo a viabilizar a participação da maior parcela possível dos segmentos da sociedade mesorregional.

As duas primeiras fases do projeto serão essencialmente participativas, cujos resultados constituirão a base para os trabalhos posteriores da Equipe Técnica.

Diagnóstico Participativo

De forma abrangente, as oficinas consistirão no primeiro momento de efetiva participação da população para a elaboração do Plano Mesonorte. As oficinas serão realizadas em cada um dos pólos que compõem a Mesonorte. Os pólos mesorregionais são os seguintes:

Pólo 1 – Grão Mogol	Pólo 5 – Januária
Pólo 2 – Salinas	Pólo 6 – Pirapora
Pólo 3 – Matias Cardoso	Pólo 7 – Bocaiúva
Pólo 4 – Janaúba	Pólo 8 – Montes Claros

Os trabalhos, em cada pólo, acontecerão durante dois dias, com os participantes sendo divididos em 8 (oito) Grupos de Trabalho (GTs), cada um correspondendo a uma temática específica (Cultura, Trabalho e Renda, Turismo, Infra-Estrutura, Terra, Meio Ambiente, Educação e Saúde).

As atividades de cada GT consistem, basicamente, no preenchimento de uma planilha, na qual são apontadas as fortalezas e fraquezas, assim como programas e ações, relacionados a uma temática específica. O modelo da planilha pode ser visualizado na Figura 1, a seguir:

Temas Transversais	Fortalezas	Fraquezas	Programas	Ações
Etnia				
Identidade				
Gênero				
Gestão				
Renda				

Figura 1 - Modelo de Planilha para Grupos de Trabalho nas Oficinas

É importante ressaltar que a Equipe Técnica apenas apresenta uma sugestão para os Temas Transversais. As especificidades de cada temática podem requerer a supressão, substituição ou o acréscimo de temas transversais. Cabe aos componentes de cada GT determinar aqueles temas transversais que sejam mais adequados à sua temática.

Após a realização das oficinas em todos os pólos, a Equipe Técnica irá consolidar os resultados dos trabalhos de todos os GTs relacionados a uma temática específica em uma única planilha integralizada. A título de exemplo, a planilha integralizada de Saúde contemplará as fortalezas, fraquezas e proposições preliminares levantada em todas as oito oficinas realizadas. O conjunto de todas as planilhas integralizadas constitui o Diagnóstico Participativo, com as demandas da Mesorregião do norte de Minas nas temáticas discutidas, e servirá de base para os trabalhos dos delegados durante o Seminário.

A construção do Diagnóstico Participativo é um dos objetivos das oficinas. Os outros objetivos são:

- a. Capacitar e sensibilizar as bases locais, principalmente os delegados eleitos, para a continuidade do processo de elaboração do Plano;
- b. Eleger os delegados que representarão cada pólo no Seminário. A quantidade de delegados por pólo, assim como o estabelecimento de *quotas étnicas* para compor o conjunto de delegados, serão definidos posteriormente pela Equipe Técnica.

Seminário

O seminário tem uma ênfase eminentemente propositiva e contará com a participação de todo e qualquer cidadão interessado, com direito a voz. No entanto, somente os delegados eleitos nas oficinas terão direito a voto. A exemplo das oficinas, serão formados GTs referentes às temáticas. Os delegados serão distribuídos entre os GTs e trabalharão sobre as planilhas elaboradas durante as oficinas e integralizadas pela Equipe Técnica. Nessa etapa, os delegados deverão refinar as propostas que emergiram nas oficinas, mas, principalmente, definir uma hierarquia das prioridades mesorregionais. O resultado final do trabalho de cada GT será uma planilha, cujo modelo é apresentado na Figura 2, abaixo.

A ênfase dessas planilhas é propositiva. Nesse momento, os delegados de cada GT deverão apontar, para os programas e ações levantados, as respectivas localidades onde serão

implementados, o prazo para sua implementação (curto, médio ou longo) e a competência (governo – municipal, estadual, federal –, sociedade civil organizada, Instituições de Ensino Superior etc.) para a efetivação das propostas. Cada planilha será lida e votada em assembléia, com possibilidade de intervenção da plenária para possíveis ajustes. Cabe à plenária aprovar tanto os ajustes nas planilhas, quanto a aprovação final destas.

Programas	Ações	Localização	Prazo			Competência
			Curto	Médio	Longo	

Figura 2 - Modelo de Planilha para Grupos de Trabalho no Seminário

Publicação da Agenda Mesonorte

Após o Seminário, com a aprovação do Plano de Ação pelos delegados, a Equipe Técnica elaborará a versão definitiva da Agenda Mesonorte, que será publicada e distribuída gratuitamente entre as bases mesorregionais, nas quantidades abaixo:

- 500 (quinhentas) unidades da Agenda em formato impresso, no padrão livro;
- 1.000 (mil) unidades da Agenda em formato eletrônico (CD ou DVD).

Referências Bibliográficas para a leitura da duplicidade de Fundação e Consolidação da Sociedade de Minas Gerais

- ANASTASIA, Carla Maria Junho. *A Sedição de 1736: Estudo Comparativo entre a Zona Dinâmica da Mineração e a Zona Marginal do Sertão Agro-Pastoril do São Francisco*. Belo Horizonte: UFMG, 1983. Dissertação de Mestrado.
- ANTONIL, André João. *Cultura e Opulência do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1997.
- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *Mitologia da Mineiridade. O Imaginário Mineiro na Vida Política e Social do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BASTIDE, Roger. *Brasil: Terra de Contrastes*. 3 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1969. Corpo e Alma do Brasil.
- CAMÊLLO, Roque José de Oliveira. *16 de Julho. O Dia de Minas. Discursos pronunciamentos, ensaios, crônicas e poemas sobre a data constitucional mineira*. Belo Horizonte: Lemí, 1991.
- CARVALHO FRANCO, Francisco de Assis. *Bandeiras e Bandeirantes de São Paulo*. São Paulo: Editora Nacional, 1940. Brasiliana, Vol. 181.
- DA MATTA, Roberto. *Relativizando: Uma Introdução à Antropologia Social*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- DIAS, Fernando Correia. *A Imagem de Minas. Ensaios de Sociologia Regional*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1971.
- DIEGUES JÚNIOR, Manuel. *Regiões Culturais do Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais; Ministério da Educação e Cultura, 1960.
- DULCI, Otávio Soares. “As Elites Mineiras e a Conciliação: a Mineiridade como Ideologia”. *Ciências Sociais Hoje*. São Paulo: Cortez, 1984.
- GOLGHER, Isaías. *Guerra dos Emboabas: A Primeira Guerra Civil das Américas*. 2 ed. Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais, 1982
- HOLANDA, Sérgio Buarque. *História Geral da Civilização Brasileira*. 5 ed. São Paulo: Difel, 1976. 2 Volumes.
- LEME, Pedro Taques de Almeida Paes. *Nobiliarquia Paulistana, História e Genealógica*. 5 ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980, 2 volumes.
- PIERSON, Donald. *O Homem no Vale do São Francisco*. Rio de Janeiro: Minter/SUVALE, 1972, 3 volumes.

- SENN, Nelson de. *A Terra Mineira. Chorografia do Estado de Minas Gerais*. 2 Ed. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926. 2 Volumes.
- SPIX, J. B. von e MARTIUS, C. F. P. von – *Viagem pelo Brasil. 1817-1820*. 3 ed. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1976. 3 volumes.
- TAUNAY, Affonso de Escragnolle – *História Geral das Bandeiras Paulistas*. São Paulo: Imprensa Oficial, 1948, 11 volumes.
- VASCONCELLOS, Salomão - *Bandeirismo*. Belo Horizonte: Biblioteca Mineira de Cultura, 1944, Volume XV.
- VASCONCELLOS, Sylvio – *Mineiridade. Ensaio de Caracterização*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1968.
- VASCONCELOS, Diogo Pereira Ribeiro de – *História Antiga de Minas Gerais*. Belo Horizonte: s/e, 1900.
- VEIGA, José Pedro Xavier da – *Ephemerides Mineiras (1664-1897)*. Ouro Preto: Imprensa Oficial, 1897. 3Volumes.
- ZEMELLA, Mafalda P. *O Abastecimento da Capitania das Minas Gerais no Século XVIII*. São Paulo: Hucitec; EDUSP, 1990. Estudos Históricos.